

Fundação Getúlio Vargas

Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC)

Projeto: Cientistas Sociais na Comunidade de Países de Língua Portuguesa
(CPLP): Histórias de Vida

Entrevistado: Antonio Candido

Local: São Paulo

Entrevistadora: Mariza Peirano

Transcrição: Maria Izabel Cruz Bitar

Data da transcrição: 19 de outubro de 2011

Conferência de fidelidade: Gabriela Mayall

Entrevista: 24 de novembro de 1978

A.C. – A senhora precisa considerar que a nossa formação, a formação da minha geração, quer dizer, Egon Schaden, Florestan Fernandes, Ruy Coelho, Lucila Hermann, Gioconda Mussolini, Mário Wagner Vieira da Cunha e outros, nós nos formamos dentro de uma influência predominante, do ponto de vista escolar, da sociologia durkheimiana. A sociologia de Durkheim era uma espécie de cânone da Universidade de São Paulo, trazida pelos franceses a partir 1934. Mas já tinha raízes aqui, porque alguns sociólogos brasileiros precursores, como é o caso de Fernando de Azevedo, já estavam plenamente lançados na influência durkheimiana. Durkheim, como a senhora sabe, é um sociólogo que leva muito para a antropologia, não só por causa do seu último grande livro, que é *As formas elementares da vida religiosa*, mas por causa de toda a atividade da sua revista *L'Année Sociologique*, através de seus discípulos, como Mauss, como Halbwachs, que estudaram sempre os povos primitivos. Então, a presença da... Vamos dizer, a sociologia dos povos primitivos esteve sempre muito presente na... A presença da sociologia dos povos primitivos foi sempre muito viva na nossa formação. Agora, quando nós começamos a nos desenvolver um pouco mais, nós sentimos uma espécie de esterilização da sociologia francesa: Durkheim já estava no passado e o presente nos parecia muito fraco. Nós tínhamos, muito de nós, a influência marxista, mas o marxismo não tinha muita voga naquele tempo entre os intelectuais e, na faculdade, só era ensinado para ser criticado, frequentemente. Onde ele era ensinado de maneira mais construtiva era na cadeira de filosofia, porque tínhamos um professor marxista, mas muito aberto, também. Sempre essa ideia do pluralismo. Não tivemos professores fechados. E esse professor de filosofia de quem eu falo era um professor de muita impregnação

marxista, mas de muita impregnação de outros filósofos, como filósofos franceses, inclusive idealistas, como Brunschvicg, e era um homem muito ligado ao Spinoza, tinha fascinação por Platão. E então, já a própria... Isso para dar exemplo para a senhora como mesmo as coisas que são, frequentemente, muito ortodoxas, como é o marxismo, para nós chegaram abertas. Tanto que quando eu vejo hoje essa tentativa dos marxistas de abrirem o marxismo e tornarem o marxismo mais flexível e mais moderno, nós pensamos: “Olha, o nosso professor, em 1937 e 1938, já fazia isso”. Porque o marxismo era tremendamente dogmático naquele tempo, sobretudo porque... Na medida então que ele era representado pelos comunistas, aí a coisa ficava terrível, porque aí era aquela ortodoxia religiosa do stalinismo, não é? Mas o marxismo não era... não bastava para nos dar uma visão da sociedade porque nós não éramos de **liberação** marxista muito acentuada. Fomos depois. Neste momento, o que apareceu de mais vivo para nós foi, para ajudar na pesquisa, foi a antropologia inglesa e americana. Foi o que apareceu de mais vivo. Eu digo à senhora que aí quem teve influência nesse sentido foi Lévi-Strauss. Lévi-Strauss, quando veio ser professor em São Paulo – ele veio no começo, também –, ele era contra Durkheim. Ele destoava desta linha durkheimiana. Então, ele estabeleceu uma linha concorrente, que era um pouco confusa porque era inspirada em parte em um etnólogo francês completamente esquecido hoje, que é Montandon, que se tornou inclusive um homem execrável politicamente, aderiu ao Regime de Vichy, foi colaboracionista e tal. Mas ele tinha um mestre americano muito importante, que era o Robert Lowie, e ele lançou, no Brasil, a tradução francesa do livro de Lowie que se chamava *Traité de sociologie primitive*. E, através de Lowie, ele chegou a Boas, imediatamente. Então, a senhora vê, no começo, os franceses, de um lado, a linha oficial da Universidade de São Paulo, vamos dizer, que era dominante, que era a linha durkheimiana; ao lado, discretamente, um certo marxismo flexível; e do outro lado, a entrada da etnologia e da antropologia cultural de influência de Boas e de Lowie, com uma grande ênfase no estudo concreto das culturas primitivas. Aliás, o Lévi-Strauss que era professor. Havia duas cadeiras de sociologia: uma regida por Paul Arbousse Bastide e uma regida por Lévi-Strauss, desde o começo. Paul Arbousse Bastide, totalmente durkheimiano, e Lévi-Strauss, antidurkheimiano e trazendo essa antropologia. Então, nós já tivemos essa formação. Eu, pessoalmente – eu posso falar mais por mim –, eu, pessoalmente, achava a sociologia americana, como ela aparecia, extremamente chata, *uninspiring*. Não inspirava nada. Aquele *social survey*, aquele *social service* e aquela sociologia de marasmo das universidades americanas, eu achava aquilo cacetíssimo, e mesmo a ecologia urbana, que nós aprendíamos muito, naquele tempo, através dos seminários do curso do Roger Bastide. E estava muito em moda a ecologia urbana da Escola de Chicago: Robert Park, Burgess. Eu achava isso muito

cacete e achava a antropologia com um fundo poético muito acentuado, o povo primitivo e aqueles problemas. Eu achava que era muito complexo o panorama. Nós tínhamos isso pela frente. Quando começamos a ler, a assinar revistas, começamos a ter muito entusiasmo pela antropologia e pela sociologia americana em geral, através do *American anthropologist*, através do *Man*, inglês. A obra de Radcliffe-Brown e de Malinowski logo entrou aqui. E aconteceu que, nos anos 1940, veio para São Paulo o Radcliffe-Brown, que foi professor da Escola de Sociologia e Política, e a presença física de Radcliffe-Brown foi muito importante, porque muitos iam fazer curso na Escola de Sociologia e Política, ao mesmo tempo, e lá foram alunos dele, como é o caso do Florestan Fernandes.

M.P. – [Inaudível].

A.C. – Não, não. Por alguns, era considerada melhor, do ponto de vista sociológico, porque ela era voltada mais para a sociologia. Enquanto a USP era considerada de sociologia muito filosófica e muito acadêmica na discussão de problemas, a Escola de Sociologia puxava para a pesquisa, por causa dos sociólogos americanos que vieram desde 1934: Samuel Lowrie e, depois, Donald Pierson. Pierson, discípulo da Escola de Chicago, discípulo de Park. Então, a Escola de Sociologia contribuiu muito para difundir a bibliografia americana. E houve um homem que teve sobre nós uma influência decisiva para aumentar esse panorama pluralista, que foi Emilio Willems, que hoje é professor aposentado da Universidade de Vanderbilt, nos Estados Unidos. Emilio Willems é alemão de nascimento, doutor em filosofia pela Universidade de Berlim, mas que veio para o Brasil moço, e aqui ele se entusiasmou pela antropologia americana, sobretudo pela teoria da aculturação, que estava muito em moda então. Foi quando entrou o conceito de aculturação. Foi definido na famosa publicação chamada *Acculturation*. Foi definido, se não me engano, por Redfield, Herskovits, e o terceiro que eu não sei se é Hallowell – isso a senhora deve saber melhor que eu, como é que se definem os estudos de aculturação. Willems lançou, no Brasil, os estudos de marginalidade e de aculturação, marginalidade tirada de Park, da escola de Park; aculturação tirada dos antropólogos, tirada sobretudo de Herskovits, de Hallowell, desta gente. Ralph Linton tem uma grande influência. O livro de Linton *The study of man* foi fundamental para a minha geração. Aí tem a senhora alguns elementos, assim, muito depressa, dessa pluralidade, dessa abertura que eu falei. Nós tivemos um bombardeio de todos os lados. Na Escola de Sociologia, predominando a orientação inglesa e americana, sobretudo americana, e até um pouco odiada a orientação francesa – eles achavam que o Durkheim era um palhaço superado –, e na faculdade, nós, muito mais ligados à

filosofia e com a tendência menos para ser profissionais e especialistas do que para ser homens abertos, homens de cultura, aproveitando essas sugestões todas. A minha geração foi ainda, sob esse ponto de vista, muito amadorística, diletante. Então, eu creio que surgiu daí o espírito, que era muito incrementado por esses nossos professores, de aplicar a sociologia e aplicar a filosofia à observação e ao estudo da vida, à arte, à literatura, à música, à política. Tinha um professor nosso de filosofia, esse grande professor que eu falei, o professor Maugüé, que é esse, de novo, professor marxista, mas era um marxismo que quase não se via, de tão aberto que era, ele, antes de começar a aula, fazia sempre um comentário sobre a vida, sobre as coisas, sobre os namoros, sobre o amor. Nós ficávamos de boca aberta. Nunca tínhamos visto a grande cultura filosófica aplicada a refletir filosoficamente sobre o nosso cotidiano. Se ele percebia que um aluno estava mais ou menos namorando uma aluna, ele, sem dar a entender, comentava aquele caso filosoficamente: o problema do amor e do ódio, o problema do desajustamento. Era muito bonito. Depois então de uns 15 minutos, falava sobre a fita que estava sendo passada, sobre a notícia dos jornais, sobre o assassinato. Porque ele era um discípulo de Alain, em grande parte, filósofo francês que escreveu sempre pequenas coisas nos jornais e aplicava a filosofia ao estudo do cotidiano. Então, nós fomos levados muito para misturar a reflexão filosófica e a reflexão sociológica com a arte, com a vida, com o amor, com a música, com acontecimentos dos jornais. Então, a nossa geração, parte se dirigiu para a profissão sociológica e antropológica e parte se dirigiu para a aplicação da sociologia a outras coisas: à crítica de arte, à literatura, ao teatro, à pintura. Então, isso é um pouco o panorama. Agora, eu, pessoalmente, eu confesso à senhora que eu tenho muita dificuldade, eu acho extremamente cacete os livros de sociologia propriamente dita: pesquisas urbanas com estatística. Aquilo não entra na minha cabeça. Ou entra na minha cabeça, mas eu reajo. Enquanto que tudo que é estudo antropológico tem por mim uma fascinação extraordinária, porque eu tenho a impressão que o elemento qualitativo da vida social é mais preservado pela antropologia do que pela sociologia. Eu ouvi uma vez alguém dizer, não sei mais – isso me marcou profundamente –, que a sociologia, no limite, tende à estatística, que é o ideal, e a antropologia, no limite, tende para o caso singular, o oposto. Então, se eu estou estudando uma cultura primitiva, eu acabo me preocupando com o problema humano daquele ser que está na minha frente – como é que ele anda, como é que ele mora, como é que ele canta, como é que ele dança, como é que ele vê o mundo –, e no outro extremo, na sociologia, eu não vejo ser nenhum, eu vejo que 7.283 pessoas usam pasta dentifícia Kolynos. Então, o meu polo foi sempre um polo muito mais do qualitativo, o polo do caso singular, que me parecia ser muito mais satisfeito pela antropologia. E a antropologia, para mim, teve sempre um encanto poético muito grande. Eu li toneladas. Eu cheguei a reunir uma

biblioteca de antropologia considerável, que eu vendi para a Universidade de Brasília em 1963, me parece. Guardei uma parte, que dei a uma de minhas filhas agora, que mora no Rio e está estudando antropologia. Eu dei a ela então o que me sobrava de livros de antropologia, uns 60 ou 70, quer dizer, os que me fascinavam: os livros do Malinowski, *Coral gardens and their magic*, *Argonauts of the Western Pacific*, *A vida sexual dos selvagens*; *Os andamaneses*, de Radcliffe-Brown; os livros de Pritchard; os livros de Nadel sobre aqueles povos do norte da Nigéria, *A black Byzantium (A Bizâncio negra)*. Isso tudo me fascinava. Eu sempre fui um grande consumidor de antropologia. E por isso, quando... Embora eu fosse assistente da cadeira de sociologia, na verdade, meus trabalhos tinham um cunho muito mais antropológico do que sociológico, e quando eu fiz a minha tese, o Roger Bastide estava na banca, em 1954... Fiz a tese um pouco tarde, porque eu fiz primeiro uma tese de literatura. A tese de sociologia, eu fiz já com 36 anos de idade, *Os parceiros do Rio Bonito*. Foi publicada muito tempo depois – eu achava muito ruim e não queria publicar –, mas ela foi defendida em 1954. E o Roger Bastide me disse que não dava dez – disse tudo – porque não era um trabalho de sociologia. A cadeira era de sociologia e o trabalho era, nitidamente, um trabalho antropológico. O Roger Bastide era um homem muito justo, muito **bom**. E eu achei muito justo. Ele disse: “O seu trabalho não é de sociologia. E, afinal de contas, a cadeira é sociologia”. Mas nós, na cadeira de sociologia, tendíamos muito à antropologia. A senhora vê, as obras iniciais do Florestan são obras antropológicas, todas. Agora, o Florestan conseguia ver a antropologia com o espírito sociológico. E eu tenho a impressão que... Eu não. Nem queria. Eu puxava a antropologia mais para o espírito filosófico, estético, literário e eu acreditava muito nas minhas intuições, de modo que fui sempre muito ruim para método. Porque quando a minha observação coincidia com as minhas intuições, eu achava que o método estava certo. [riso] Mais ou menos é isso. Não sei se responde ao que a senhora quis...

[INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO]

A.C. – Na sociologia propriamente dita, eu tinha tarefas muito precisas, muito estritas. O meu chefe... Naquele tempo, o assistente era assistente de um professor. Não era como hoje. Não havia os departamentos. Hoje, a pessoa é assistente do departamento, como nos Estados Unidos. Naquele tempo, era assistente de um professor. O professor que determinava tudo. Meu chefe era um grande homem, o professor Fernando de Azevedo, um grande mestre, que é o fundador da sociologia no Brasil, autodidata em sociologia. Ele era um especialista em sociologia da educação, então, ele dava curso em sociologia da educação, sobretudo com os cursos de

pedagogia, e eu então fui encarregado de dar cursos introdutórios e seminários de sociologia da educação, coisa que eu dei durante muito tempo. Eu acho a educação uma coisa de uma aridez tremenda. Tudo que é de ciência educacional, pedagogia, eu acho uma coisa horrível. Mas eu então procurei, dentro daquilo, arranjar o meu nicho, e através também da minha repetição e tal, eu consegui fazer trabalhos que me interessavam: eu consegui fazer trabalho... eu publiquei trabalho sobre a cultura específica da escola – [inaudível] antropológico –, a cultura específica da escola, a escola como um mundo fechado. Então, eu dava cursos. Mas dava cursos banais, cursos baseados em bibliografia corrente sobre sociologia da educação. Eu dei também cursos de introdução à sociologia, para o curso de filosofia e para o curso de ciências sociais. Dei esses cursos, cursos gerais de introdução: o que é sociedade, grupo social, pressão social, estrutura, organização, cursos quase de vocabulário sociológico. Mais adiante, nós propusemos uma reforma no departamento, fizemos uma coisa mais sistemática e eu fiquei encarregado dos cursos de organização social. Aí fiz uma coisa diferente do que se fazia: no primeiro semestre, eu dava teoria da organização; no segundo, eu dava fatos de organização da sociedade brasileira, para trazer para o concreto, mesmo do ponto de vista histórico, classes sociais na colônia, grupos de trabalho, práticas artísticas da colônia até os nossos dias, [inaudível] família. Eu cuidava disso. Meus cursos de sociologia foram sempre cursos muito modestos; nunca foram cursos ambiciosos. Eu nunca dei cursos sobre a coisa que eu gostava mais, que é sobre a vida caipira. Isso era só o meu trabalho de pesquisa. Mas na prática, nunca dei curso sobre isso. Eu dava os cursos que o programa determinava, que eram cursos gerais, abstratos. Eu me lembro que uma vez eu tive que dar um curso sobre... Havia muita história da sociologia naquele tempo, esses temas sociológicos. Eu dei um curso muito puxado sobre Augusto Comte, que ainda se estudava naquele tempo. Eu estudei muito o Augusto Comte, que eu gostei muito. Durante um ano inteiro e, depois, o outro ano, dei curso de Augusto Comte. Tentei dar um curso sobre o Max Weber e fracassei. Foi uma coisa até muito dramática, porque eu fracassei, não consegui dar o curso. Os alunos começaram a saber o texto melhor do que eu. Eu falei: “Vamos interromper o curso porque não adianta”. Eu não consegui entender direito o texto dele. Então, esse tipo de curso que eu dei era isso mais ou menos. Quer dizer, eu dava os cursos de sociologia sem grande paixão, então, repetia aquele vocabulário: métodos sociológicos, essas coisas que a senhora sabe.

[INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO]

A.C. – Isso aí se prendia ao fato de, naquele tempo, os cursos serem mais ou menos rígidos. Eram cursos gerais, introdutórios. Era só as mesmas coisas: método, introdução, classes sociais, grupos sociais. Não havia escolha. Era isso. Não tinha surgido ainda a pós-graduação e não havia os grandes cursos monográficos em sociologia, ainda não tínhamos feito. O meu desejo mesmo era abandonar a sociologia. Eu sempre me considerei provisoriamente ali; nunca desejei ser a vida inteira professor de sociologia. Meu desejo era, assim que pudesse, abandonar a sociologia. Eu não me preocupei, por exemplo, em ser professor de antropologia, jamais. Porque havia uma cadeira de antropologia. Eu trabalhei com os antropólogos.

[INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO]

A.C. – Era o professor Willems que orientava, o Egon Schaden e a Gioconda Mussolini. Correspondia. A bibliografia que nós percorríamos era a mesma. O Egon Schaden tinha interesse pelos povos primitivos, sobretudo os guarani. O Emilio Willems não. O Emilio Willems foi a pessoa que me levou para o estudo dos grupos rústicos, ele e o Roger Bastide, quer dizer, para o caipira, para o camponês. Willems e Gioconda Mussolini se interessavam pelas culturas rústicas de São Paulo, que me interessavam muito. Porque eu tenho paixão pela cultura rústica, porque eu nasci... Bom, é verdade que eu nasci no Rio de Janeiro, mas eu até digo, espontâneo: eu nasci no interior. Eu fui para o interior de Minas com oito meses, e vivi em zona caipira, sou de família rural: meu avô era fazendeiro. Meu pai era médico, mas tinha fazenda no sul de Minas, em Cássia, Passos, no sudoeste de Minas. Nós somos de uma família mineira de criadores de gado há muito tempo. Então, eu vivia no meio das fazendas. Todos os meus parentes... Meu pai foi o único irmão que fez curso superior, na geração... Porque os irmãos mais novos fizeram, mas dos irmãos mais velhos, ele foi o único. Eu sempre vivi muito no meio da cultura caipira, que é a mesma em Minas e em São Paulo. A minha zona é uma zona muito paulista, o sul de Minas. Então, eu estava ali, e era muito congenial, tinha muita paixão por isso. E o tempo todo, quer dizer, esse tempo todo que eu era professor de sociologia, desde 1946, eu comecei a preparar essa tese *Os parceiros do Rio Bonito*. Então, isso me satisfazia. Não ia nos meus cursos. Eu me lembro que um dia... O professor Georges Gurvitch, quando foi professor aqui, deu a ideia de se organizar o Departamento de Sociologia e Antropologia, e ele deu a ideia de fazer seminários de sociologia e antropologia em que, uma vez por semana, os professores se reuniam e faziam exposições. E eu fui obrigado a fazer aquilo. Eu sempre fui muito tímido, sempre achei que não sabia nada, que aquelas coisas que eu sei não interessavam a ninguém, e com esse projeto um pouco masoquista de não dar aula sobre aquilo que eu sabia e

dar aula sobre o que eu não sabia e não gostava. E com esse meu material todo guardado. E quiseram que eu fizesse um seminário. Isso em 1948 ou 1949. “Mas eu não tenho nada para fazer.” “Não, você tem que fazer.” “Mas eu não tenho nada, e vocês sabem tanto.” Alguém deve ter me dito: “Faça uma exposição sobre a pesquisa que você fez em 1948, a estadia que você fez em 1948, sobre os caboclos”. “Ah, mas isso é coisa banal.” “Faça.” Eu então juntei as fichas, peguei as fotografias, passei tudo aquilo em diapositivos e contei a vida da comunidade. Foi um grande sucesso. Eu fiquei espantado. Eu falei: “Ah! Então é isso?! Ah, bom, isso eu sei fazer”. [riso] A senhora entendeu? Era uma espécie de senso de dever exagerado. Como eu não tinha vocação sociológica, eu me impunha a tarefa de fazer aqueles cursos que não me eram congeniais, e aquilo que eu gostava era só estudo. Entre 1946 e 1974, eu estudei muito a vida caipira: ia nos fins de semana para o interior, ia ver as festas, cantava com eles, dançava, e ia fazendo fichas, fazendo fichas, fazendo fichas e tirando fotografias. A minha ideia era fazer um estudo sobre poesia popular, baseado numa prática chamada o cururu, que é um canto rodado que tem aqui em São Paulo. Então, fui estudando, fui estudando, fui estudando. Assim, intermitentemente, mas ia indo. Depois eu resolvi que já estava em tempo mesmo de redigir a tese, em 1950 ou 1952, e aí comecei a escrever a tese e vi que eu não podia fazer a tese. Naquele tempo, não havia isso ainda. [*Provavelmente, referindo-se ao gravador.*] Todos aqueles cantos, eu tinha ouvido e escrito à mão. Eu não sei música. Como é que eu posso fazer um estudo sobre a poesia primitiva ou popular, que é toda cantada, sem saber notação musical? Não posso. É uma vigarice. Cheguei a escrever bastante. Eu tenho o manuscrito, está lá na universidade – deve ter umas cem páginas –, com o material que eu pus, aqueles cantos. Comecei a análise. Quer dizer, tinha uma hipótese. A hipótese era a individualização progressiva do canto à medida que havia a urbanização. Estava tudo direitinho na cabeça, o esquema de [inaudível], tudo direitinho na cabeça, quando eu vi que não dava. Eu digo: “Mas, para começar, eu tenho que fazer uma... O que eu vou fazer então?”. Eu tinha feito um capítulo de 30 páginas sobre a vida comunitária e econômica daquela gente sobre a qual eu ia estudar a poesia. “Sabe o que eu vou fazer? Vou pegar essa introdução, espichar e transformar em tese”, *Os parceiros do Rio Bonito*. *Os parceiros do Rio Bonito* é esticado, é a introdução de 30 páginas que eu tinha feito para uma tese de 300 páginas sobre poesia popular e mudança social, que eu tenho parte escrita inclusive. Mas eu conto outra coisa para a senhora: nunca deixei de cuidar de literatura. Por isso é que eu tinha sentimento de culpa, porque à medida que eu... Quando eu fui nomeado assistente de sociologia, eu fui convidado para ser crítico literário de um jornal. Fazia as duas coisas ao mesmo tempo. A partir de 1945, eu contratei com um livreiro, um editor, a realização de uma obra sobre literatura brasileira, um manual de literatura

brasileira. Comecei a fazer a pesquisa e trabalhar e acabou um livro enorme que se chama *Formação da literatura brasileira*, que é apenas sobre... de 1750 a 1880. Então, eu trabalhava em dois trilhos o tempo todo, o tempo todo trabalhando... Quando chegou em 1947, eu tive tempo integral na faculdade, então, deixei de fazer crítica, porque eu achei que era imoral, não podia. *Full-time é full-time*. Então, eu trabalhava no meu livro de literatura nas horas vagas. Então, eu sempre trabalhei junto: eu estava fazendo *Os parceiros do Rio Bonito* com uma mão e a *Formação da literatura brasileira* com outra. Em 1954, quando eu terminei *Os parceiros do Rio Bonito*, em 1952, eu tinha terminado a primeira versão de *Formação da literatura brasileira*. Então, eu fiquei com a consciência tranquila, retomei a *Formação da literatura brasileira* e fiz de novo. Eu tenho as duas versões guardadas. Fiz de novo de 1954 até 1955, e depois eu trabalhei na bibliografia e nas notas, de 1955 a 1957, trabalhei sistematicamente. Mas depois que eu fiz a minha tese, em 1954, eu disse ao meu chefe e aos meus amigos: “Agora a minha consciência está tranquila, porque eu dei a prova de que eu fiz doutoramento em ciências sociais. Professor de sociologia, eu acho que eu posso ser; sociólogo, eu não sou”. Então, eles acharam, como as pessoas sempre têm ambição universitária, eles acharam que eu já era assistente há muito tempo e que eu queria ser professor, eu estava magoado, então, criaram uma disciplina para mim chamada sociologia da educação. Quando criaram isso, aí eu quis sair da faculdade. Eu falei: “De jeito nenhum! Assistente, eu posso ser, porque assistente é uma pessoa que tem uma ciência ainda se formando. Agora, titular, eu não posso”. Aí falei com o meu chefe e com os meus amigos. Eles não queriam que eu saísse. Eu era muito ligado ao meu departamento. Nunca consegui me desligar afetivamente do meu departamento inicial. Eu sou formado em ciências sociais. Eu tenho um doutoramento em letras, através de uma livre-docência, mas eu sou formado em ciências sociais e os meus companheiros e os meus amigos estavam lá. Então, eu fiz o seguinte, eu me afastei. No fim de 1956, eu consegui me afastar, e passei o ano de 1957 inteirinho afastado; em 1958, eu voltei, dei apenas um semestre de curso, mas já combinado para sair; e em 1958, eu fui ser professor de literatura brasileira numa faculdade no interior. Eu pensei, num certo momento, em dar... Eu achei... É claro que a minha solução seria fazer sociologia da literatura. Então, eu cheguei a fazer um programa de sociologia da literatura, que está anunciado no Anuário da faculdade. Eu nunca dei esse programa. Eu não sei mais por que, mas não dei esse curso. Talvez, por um traço de personalidade: eu achava que a minha obrigação era ser sociólogo puro e que isto aí já era uma maneira de fazer um subterfúgio. Foi uma tolice de moço, esse puritanismo. Eu achava que a minha obrigação era gostar daquelas coisas chatas, era gostar de Talcott Parsons, que é o sujeito mais chato do mundo, a meu ver. Era gostar de Talcott Parsons, era ler aqueles livros e dar aula sobre aquilo, e

que a sociologia da literatura era uma fuga, era um álibi, era um aliar-se e que eu não podia fazer isso. E isso me obrigaria, de qualquer maneira, a ficar preso ao ponto de vista sociológico, e tudo que eu queria era liberdade para cuidar da literatura como eu quisesse. Então... E naquele tempo não seria possível, também, a especialização em sociologia da literatura. As tarefas eram muito importantes, você tinha que fazer sociologia rural, sociologia econômica, metodologia, introdução à sociologia. Nós éramos poucos. Hoje há. No Departamento de Ciências Sociais, o professor Ruy Coelho faz praticamente só sociologia da literatura; o professor Teófilo de Queiroz Filho faz sociologia da literatura. Naquele tempo não era possível. Havia sete ou oito professores de sociologia. Eu achei que não era justo. Eu queria mesmo ensinar literatura. Então, passei para a literatura inteiramente. Mas sempre paralelo. A literatura não veio depois da sociologia; elas eram sempre juntas. Agora, é claro que eu fiquei marcado pela sociologia e sempre me interessei, dentro da literatura, por fazer estudos do ponto de vista sociológico, como a senhora vê no livro *Literatura e sociedade*. Durante um certo tempo, então, eu respirei aliviado e pus a sociologia de lado e comecei a fazer um tipo de crítica muito mais livre, inclusive. Mas depois, com o tempo, agora, depois de velho, estou voltando a de novo fazer uma crítica bastante – penso eu – ligada à sociologia. Os franceses dizem que se a gente expulsa aquilo que é a nossa tendência natural, ela volta correndo. *Chassez le naturel, il revient au galop*. [riso]

[INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO]

A.C. – A minha família é toda de Minas e do Rio. São Paulo, para mim, era um mundo estranho, era totalmente estranho. São Paulo era a cidade da qual eu passava uma vez por ano para ir, de Minas, visitar a minha família no Rio durante as férias. Então, eu via essa cidade esquisita, com muita gente falando italiano, muita neblina, muito frio – eu passava aqui em julho, frequentemente. Achava fascinante. Mas era um outro mundo. Não tinha até muita simpatia, não. Nós fomos morar em Poços de Caldas, que é uma cidade de Minas, mas na fronteira de São Paulo. A cidade em que eu fui criado já é na fronteira de São Paulo. Nós somos, no fundo, anexo de São Paulo, no sul de Minas. E meu pai, o ideal de meu pai... Meu pai é médico. Ele fez o curso secundário dele em São Paulo, aqui, em Campinas, mas ele é médico pela faculdade do Rio. O meu pai queria que nós fôssemos, quando chegasse a idade escolar, que nós fôssemos todos para o Rio de Janeiro fazer o curso do Pedro II. Mas o homem põe e Deus dispõe, porque meu pai foi convidado, pelo governo de Minas, para reorganizar a estância termal de Poços de Caldas. O ideal dele era, em 1929 ou 1930, ir para o Rio de volta, porque ele

tinha sido assistente na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Mas era um homem de saúde muito delicada e morreu muito moço. Eu já sou muito mais velho do que era o meu pai. Acho até esquisito isso. Eu sou mais velho do que o meu pai. Meu pai morreu com 55 anos, e eu tenho 60. Então, meu pai não resistiu ao clima do Rio. Não resistiu. Ele tentou várias vezes e várias vezes a saúde dele foi [inaudível]. Então, ele foi para o interior, para a terra dele, onde ele tinha uma fazenda, onde estava a família dele, um clima bom, e lá ele trabalhou, teve uma grande clínica naquela região toda, fez o pé-de-meia dele, também, [inaudível] a saúde. “Em 1930, eu vou para o Rio.” Mas aí ele foi convidado para fazer essa grande organização dos Serviços Termiais de Poços de Caldas. Então, ele era um homem extremamente consciencioso, ele falou: “Preciso fazer uma reciclagem”. Fomos para a Europa. Passamos na Europa um ano e tanto, ele estudando intensamente, observando o tratamento do reumatismo, porque em Poços de Caldas, a especialidade é reumatismo. E ele então, de clínico geral, passou a ser um especialista em reumatismo. E nós o acompanhamos na Europa. Quando voltamos, voltamos para Poços de Caldas. Mas Poços de Caldas é ligadíssima a São Paulo.

M.P. – [Inaudível].

A.C. – Em vez de ir para o Rio. Lá, fiz o ginásio. E quando foi na hora de fazer a escola superior, meus pais já não pensavam mais em mandar os filhos para tão longe. Para São Paulo, eram oito horas de trem. Naquele tempo, não se ia de automóvel; eram oito horas de trem. E o Rio eram dois dias. Então, por causa disso, a circunstância de família, nós, esse meu irmão e o outro irmão, viemos todos estudar em São Paulo. E aqui ficamos. Agora, eu vim estudar medicina, em São Paulo.

M.P. – Isso eu vi uma referência.

A.C. – Meu pai era médico e ele queria que os três filhos fossem médicos. Como Deus é bom, Deus me ajudou e eu fui reprovado no vestibular. Deus e a minha ignorância fizeram com que eu fosse reprovado no vestibular da Faculdade de Medicina. Então, eu fiz um ano de preparatório. E, no decorrer deste ano, eu já estava fascinado pela Faculdade de Filosofia, que era uma coisa nova. Mas meu pai [inaudível]. Ele disse: “Ou medicina ou nada”. Era praticamente o lema dele. “Bom, vou estudar medicina.” Dever de família, porque meu avô paterno também era médico, minha família toda é de médicos, então, não ser médico era uma espécie de deserção, coisa que eu senti pela vida afora, até muito tarde. Eu sou um desertor.

Essa minha consciência de culpa que eu contei para a senhora, em parte é a consciência de culpa inicial de não ter sido médico. Eu então, um belo dia... Eu sou uma pessoa de poucos gestos de rompante e de independência, tive um: na hora de me inscrever para um novo vestibular de medicina, eu fui na Faculdade de Medicina, tirei os meus papéis e me inscrevi na Faculdade de Filosofia, e só depois telefonei para o meu pai. “Bem, agora vem tempestade pelo telefone.” E falei a meu pai: “Papai, eu quero te participar uma coisa”. “Você se inscreveu para o vestibular?” Eu falei: “Sim. Mas não para medicina. Eu passei e me inscrevi para o pré na Faculdade de Filosofia”. Meu pai disse: “Fez muito bem. Se isso é mesmo a sua vocação, que eu estou vendo que é profunda, você fez muito bem”. E me disse uma coisa que me agradou muito e me tranquilizou: “Você então realizará uma parte minha que eu não pude realizar, que é o gosto pela filosofia. Você faz muito bem. Só te peço uma coisa, que você faça também o curso de direito, para não morrer de fome”. Porque, naquele tempo, a Faculdade de Filosofia **não dava emprego**. Então, eu fiz também a Faculdade de Direito, simultaneamente. Foi muito ruim, porque eu estudava de manhã na Faculdade de Direito; à tarde, na Filosofia; de noite ia namorar, passear com as moças, ir a um baile. Estudei pouco no curso superior. Agora, os dois anos do Colégio Universitário, eu estudei muito, e tive uma base muito boa. Foi por esse fato puramente circunstancial de nós termos nos mudado para Poços de Caldas que eu não fui para o Rio de Janeiro, porque a tendência natural seria ir para o Rio de Janeiro, onde está toda a família de minha mãe, onde eu nasci, aliás, e onde tenho um apartamento. Eu moro parte do ano no Rio, também, hoje em dia, com a minha mulher. Ela não passa bem em São Paulo e eu estou voltando para o Rio. Das minhas três filhas – são todas casadas –, duas moram no Rio. De modo que eu sempre tive vínculos muito profundos com o Rio, e lá estão parentes meus. Mas fiquei paulista de formação, por causa disso.

[INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO]

A.C. – Eu não me lembro exatamente o que diz o meu ensaio. A senhora está se referindo a um ensaio meu que se chama *Literatura e cultura no Brasil de 1900 a 1945*.

M.P. – Isso.

A.C. – Foi uma publicação escrita para o I Colóquio de Estudos Luso-Brasileiros, que se realizara em Washington, se não me engano. E por fim, houve um equívoco e me disseram que eu tinha que fazer uma coisa pequena, e não grande. Então, mandei o resumo, e não pude ir lá e

ficaram danados da vida comigo porque eu mandei o pequeno. O grande é aquele que eu publiquei depois, que estava pronto. Até [inaudível]: [*Panorama*] para estrangeiros. Porque eram coisas muito elementares ali. Quer dizer, a gente não diria certas coisas elementares para um brasileiro, mas para estrangeiro precisava dizer tudo aquilo. Eu me lembro que foi na segunda...

[INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO]

A.C. – Eu acho que a minha geração foi a última em que ainda a literatura aparecia como um *must*. Eu digo no sentido amplo. Veja a senhora, eu sou de uma família de médicos, eu conheço muito bem esse... Os médicos... Eu tive um tio-avô e um tio – esse é o exemplo que interessa – que foram famosos professores da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro no começo desse século. Esses homens eram, ambos, médicos de grande valor. Ambos são nomes famosos, célebres. Mas eles liam, constantemente, o padre Vieira, liam os clássicos da língua portuguesa, liam literatura, liam os franceses, liam Anatole France, e davam as suas aulas e faziam os seus escritos com um forte teor literário. Quer dizer, a medicina, para poder se apresentar, precisava se apresentar com a roupa literária; o direito, para se apresentar, precisa se apresentar com a roupa literária; a sociologia, para se apresentar, precisa se apresentar como *Os Sertões*. Ainda em *Casa-grande & senzala*, de Gilberto Freyre, ela aparece quase como um romance de Proust.

[INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO]

A.C. – *Maíra* não é mais o livro de antropologia que precisa se revestir de forma literária; *Maíra* é um livro de literatura. Aí é a função normal da literatura, que é ser um romance. Florestan Fernandes, quando escreve *A função social da guerra na sociedade tupinambá*, ele não está absolutamente preocupado com o problema estético. Gilberto Freyre, quando escreve *Casa-grande & senzala*, ou Sérgio Buarque de Holanda, quando escreve *Raízes do Brasil*, eles estavam pensando também naquilo como composição literária, a literatura como *approach* da realidade. Isso é que acabou.

[INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO]

A.C. – *Maíra*, de Darcy Ribeiro, ele é um... Da mesma maneira que *Guerra e paz*, de Tolstói, é também um estudo de história russa do tempo de Napoleão; da mesma maneira que um livro de

Faulkner dá ideia da sociedade sulista, mas ele é, eminentemente, um livro de literatura. Um sociólogo pode tirar elementos do livro de Faulkner para conhecer o *Deep South*, nos Estados Unidos, mas não quer dizer que as obras sobre o *Deep South* tenham que ser feitas com teor literário. *Maira*, de Darcy Ribeiro, é um romance que só um antropólogo podia fazer, mas é um romance; não é um livro de antropologia. Eu falo do tempo em que o livro de antropologia tinha que ser escrito com linguagem de romance e queria ser livro de antropologia. De modo que isso acabou. Quer dizer, acabou no momento em que se instauraram as universidades, a divisão do trabalho intelectual e a especialização. O que não quer dizer que um escritor não possa... Não estou dizendo escrever bem; eu estou dizendo a visão literária da vida, quer dizer, a visão em vez da pesquisa, a aproximação em vez da objetividade. Isso é que havia na literatura. Vou dar um exemplo para a senhora. Meu pai contava sempre que na Faculdade de Medicina, no tempo dele, havia um professor de clínica que dizia o seguinte... Isso é uma constatação que é verdadeira. O reumatismo é uma doença extremamente grave, não tanto pelo que parece ser, porque o reumatismo deixa a pessoa com as juntas doídas, a pessoa fica entrevada, não pode andar, mas o pior é a lesão que ele deixa no coração, que não se vê exteriormente. Isso é um dado científico. Como é que ele dizia isso? Ele dizia aos alunos: “O reumatismo lambe as articulações e morde o coração”. É uma beleza, aliás. É isso que eu estou dizendo, o médico... A medicina tinha que passar com este veículo literário, porque o ponto de reparo central era a literatura. Um médico que fizesse um tratado de medicina seco, existia, naquele tempo, mas não era considerado uma coisa realmente de primeira grandeza. Não quer dizer que não houvesse, mas não era considerado uma coisa eminente, porque o ponto de referência era a literatura. Hoje a literatura, longe disso, não é mais o centro de referência do pensamento e da ciência. Não pode ser, de jeito nenhum. Pelo contrário, até, a partir da minha geração, faz-se como crítica: “Não, isso não é um livro de ciência; isso é um livro muito literário”. Agora, *Maira* é um outro caso, porque *Maira* é um romance e tem o poder de um romance. Agora, tem, como todo grande romance baseado na realidade, tem também a grande força sociológica e antropológica. Como o *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa, que tem toda a cultura caipira que vem atrás. É um grande livro. Uma coisa muito curiosa na literatura brasileira contemporânea, eu costumo sempre dizer, é que os livros... pelo menos que a mim mais me impressionaram, livros que eu considero de grande literatura, eles não foram feitos por literatos, por escritores. São: *Maira*, do Darcy Ribeiro, que é feito por um antropólogo, educador e pensador; *Três mulheres de três PPPês*, de Paulo Emílio Salles Gomes, que são três contos absolutamente admiráveis, feitos por um cineasta, por um grande crítico de cinema; e as memórias do Pedro Nava, que são livros de

memória de um médico reumatologista que são da mais alta literatura, os três volumes que já saíram – parece que vão sair cinco. A literatura está aí.

M.P. – Ainda sobre esse tipo de linguagem que se usa para chegar ao público no Brasil, por exemplo, alguma vez o senhor chegou a pensar por que – e isso também foi algo que me espantou muito, recentemente –, por que o livro, justamente do Florestan Fernandes, *A função da guerra na sociedade tupinambá* nunca foi um livro de grande público? É um livro quase que... Quer dizer, é um clássico...

A.C. – Só para especialista.

M.P. – ...para especialistas, mas não é um livro... E o Florestan deve ter passado uns bons sete ou oito anos da vida dele dedicado a essa pesquisa. E no entanto, os trabalhos posteriores dele tiveram uma repercussão e uma aceitação muitíssimo maior e quase incomparável aos trabalhos **sobre o grupo** tupinambá. Haveria alguma explicação, em termos de...?

A.C. – Não sei. Acho que talvez... Nunca pensei nisso. Assim, improvisando uma resposta, pensando na hora, para não deixar sem resposta, aí talvez haja algumas razões para isso: a primeira é que é uma monografia muito estreita. Os livros estritamente monográficos só atingem o grande público quando o autor os transforma, pela linguagem, numa coisa muito bonita. Então, Malinowski é capaz de pegar, por exemplo, a troca ritual do comércio kula e fazer um livro de 400 páginas sobre o comércio kula e o livro ter grande repercussão. É uma beleza. Parece que ele tem um dom de estilo que transforma aquilo numa beleza. O Florestan não é um indivíduo que escreva de maneira agradável nem amena. O Florestan exige do leitor um grande esforço de concentração, que ele tem, também. E naquele tempo sobretudo, quando ele escreveu os primeiros livros, ele não fazia a menor concessão. Agora ele faz. Então, portanto, em primeiro lugar, é ser uma monografia muito restrita, guerra em tupinambá, e segundo, ser uma linguagem sem concessões, e terceiro, eu acho que é porque ele quis dar ao livro um cunho de monografia científica. Ora, o livro científico só interessa ao cientista, por mais... A senhora toma um livro de repercussão enorme, como é, por exemplo, *As estruturas elementares do parentesco*, de Lévi-Strauss: pelo fato de ser um livro publicado na França e ter um valor muito geral e ser não uma monografia sobre parentesco, mas uma teoria geral da sociedade, praticamente, ele teve grande repercussão, mas não tem a repercussão como um romance na França, absolutamente; é um livro restrito a um certo número de interessados. Os

outros livros do Florestan tiveram mais saída porque o problema do negro, por exemplo, toca muito mais à sociedade brasileira e entrou na ordem do dia, e os outros livros dele são livros sobre capitalismo, classes sociais, desenvolvimento, que são as questões candentes do tempo, enquanto que tupinambá nunca foi questão candente no Brasil; interessa só aos etnólogos e, metodologicamente, interessa só àqueles que estão interessados na sociologia. O Florestan... Aquele trabalho nasceu... O Florestan é um fraternal amigo meu. Nós ficamos juntos a... a nossa mocidade juntos, trabalhando. Eu sei bem como foi feita a obra dele. O Florestan, como eu costumava sempre dizer, extraiu de São Paulo tudo que São Paulo podia dar naquele tempo em matéria de formação sociológica e antropológica, porque não apenas ele fez o curso de ciências sociais na Faculdade de Filosofia como fez o curso de sociologia na Escola de Sociologia e Política, depois ele fez, primeiro, o mestrado, o M.A. na Escola de Sociologia e Política, e depois ele fez o doutoramento na Faculdade de Filosofia. Ele começou a estudar os tupinambás porque teve influência de um homem que teve a maior influência em certas pessoas aqui em São Paulo, um grande etnólogo, que era Herbert Baldus. O Baldus o lançou nos tupinambá. E o Florestan é um homem de peito, um homem corajoso. Havia uma tradição na etnografia que não se podia estudar a organização social dos tupinambá. Você podia fazer estudos fragmentados – o Métraux fez estudo sobre religião; outro faz estudo sobre cultura material –, mas sobre a organização social era impossível, porque os elementos faltavam. O Florestan então resolveu mostrar que podia. Um menino de 25 anos resolveu mostrar que podia. Pegou todos os cronistas, **leu** todos, pegou um bom método de leitura e, com aquilo, tirou o livro *A organização social dos tupinambá*, que ele defendeu como tese quando tinha 27 anos. Mas ele trabalhou dois anos ou três anos intensamente nesta tese. Aí, o material que foi reunido foi imenso, aí ele pegou embalo e foi para diante, trabalhou mais três anos e fez *A função social da guerra na sociedade tupinambá* como doutoramento na Faculdade de Filosofia. Depois, então, praticamente ele encerrou a pesquisa sobre os tupinambá, mas continuou a exploração, porque a tese de livre-docência dele é sobre a análise funcionalista, com base no material da cultura tupinambá. Os três estudos dele, o mestrado, o doutoramento e a livre-docência, são fruto de um esforço enorme, com uma visão original, com uma potência mental como é raro encontrar equivalente, que, se não me engano, ele despendeu, entre 1945 a 1951 ou 1952, sete anos mais ou menos. O fichário que ele tem sobre os tupinambá é uma coisa monumental. E ele mostrou como é que, com um bom método na mão, a realidade rende. E o Métraux, eu ouvi o Métraux dizer: “Mas esse rapaz é uma coisa fenomenal! Esse rapaz fez o que eu disse que era impossível fazer!”. Agora, o Florestan é um caso especial. O Florestan não apenas tem uma inteligência absolutamente privilegiada, é genial, é um homem genial, quer dizer, tem uma inteligência fora

do comum, como ele tem uma seriedade intelectual absolutamente fora do comum. Ele hesita em se dedicar... Ele pensa muito no que ele vai estudar, o que ele vai ler, o que ele vai trabalhar. Ele não é uma pessoa de sentar e falar assim: “Ah, vou ler isso aqui”. O tempo dele, ele estuda bem. Agora, quando ele entrou naquele projeto, ele não se satisfaz com meias medidas; ele vai até o fim. Então, o que ele exige do leitor dele é muito porque ele dá muito. Além disso, então, o Florestan tem uma capacidade de concentração fora do comum e uma capacidade física e mental de trabalho também fora do comum. Quando nós fomos nomeados para tempo integral na faculdade, em 1947, o nosso chefe... Eu era primeiro assistente e ele, o segundo assistente de sociologia. O nosso chefe disse: “Vocês vão ter que fazer horário integral aqui”, que é uma maluquice, em matéria de ciências humanas. Chegava às oito da manhã, saía ao meio-dia, entrava às duas e saía às seis. Quando eu saía, às seis horas, eu não sabia mais onde eu... Eu estava caindo de cansado, não aguentava mais nada, queria ir para casa, tomar banho, ouvir vitrola e ler qualquer coisa. E o Florestan – nós saíamos juntos da faculdade, que então era na Praça da República, no terceiro andar do Instituto de Educação –, quando passava na Biblioteca Municipal, ele dizia: “Bom, agora eu vou comer um sanduíche e vou continuar a trabalhar”, e trabalhava até fechar a Biblioteca Municipal, à meia-noite. De modo que o volume de conhecimentos que ele tem, a firmeza e a segurança dos conhecimentos dele, a seriedade com que faz, fazem do Florestan um grande cientista social e um grande pensador. Agora, o Florestan foi sempre um socialista muito convicto, mas nunca se filiou a partido; foi sempre um socialista independente. Então, o Florestan sempre teve a preocupação que eu também tive: “Como é que nós vamos fazer para pôr o nosso socialismo na nossa obra?”. É difícil, a gente não consegue. As pessoas podem ler o que eu escrevo e não percebem que é um socialista que está escrevendo, ou percebe uma coisa ou outra, aqui e acolá. E o Florestan lutou muitos anos com isso, até que ele conseguiu encontrar um tipo de trabalho em que o sociólogo se casa com o socialista, que são os trabalhos sobre subdesenvolvimento e desenvolvimento, sobre classes sociais, América Latina, revolução. Então, realmente ele conseguiu, a meu ver, uma coisa extraordinária, que é juntar a sociologia acadêmica com o marxismo e aplicar isso aos temas mais importantes para a sociedade no tempo dele. O Florestan é o grande modelo de cientista social que eu conheço, é o maior modelo que eu conheço. É um homem realmente fora do comum. Ele é realmente um cientista. A senhora pegando as coisas que eu escrevi, a senhora percebe que eu tenho uma vocação muito mais para ensaísta, quer dizer, ensaiar, repetir, debater com a realidade e chegar à conclusão assim que os dados forem coerentes. O Florestan não. O Florestan é um cientista, é o que esgota o campo de trabalho. E também nós temos algumas preocupações em comum, não tanto na nossa obra, mas nas nossas conversas intermináveis pela

vida afora. Hoje, nós nos vemos pouco, embora nos vejamos ainda bastante, mas nós vivemos juntos todos os dias e o Florestan e eu debatemos anos a fio esses problemas todos. Um problema que nós debatíamos, por exemplo, sem parar: nenhum de nós nunca aceitou a visão funcionalista pura, no caso do marxismo, então, nós queríamos uma visão que fosse ao mesmo tempo estática e dinâmica; tirar da sociologia acadêmica de cunho positivo, da positivista, a visão estática da sociedade, a organização, as classes, os grupos, e tirar do marxismo a noção de que a sociedade é um processo constante, se transforma e que o conhecimento é aplicável à realidade. Isso nos angustiava, e nós debatíamos, debatíamos. E eu resolvi ao meu modo e ele resolveu ao modo dele. Eu tentei resolver ao meu modo fazendo estudos de literatura, por exemplo, como a senhora vê em *Literatura e sociedade*, em que a vida da sociedade entra na manifestação estética, e sempre com a ideia para as coisas fundamentais da sociedade: fome, transformação... De modo que nós temos algumas obsessões comuns, mas os resultados são completamente diferentes. Eu diria que nós somos dois temperamentos diametralmente opostos e duas afetividades perfeitamente identificadas. Basta olhar fisicamente e vê que nós somos duas pessoas opostas: o Florestan é um homem forte, robusto, construído athleticamente, é uma pessoa de saúde, de força, e eu sou um homem magro, débil, uma pessoa de debilidade, de certa fraqueza física que eu tenho, fui careca precocemente. De modo que mesmo fisicamente nós somos muito diferentes. Mas talvez seja exatamente isso. E nossos ideais são comuns: nós dois somos socialistas, nós dois gostaríamos de chegar a uma forma de um socialismo realmente transformador, realmente revolucionário. Só que eu sou muito cético, e ele é muito crente. Eu sou mais a favor das transformações graduais, da luta do cotidiano, e ele acha mais a possibilidade dessas soluções revolucionárias. Mas os nossos ideais são os mesmos. Florestan e eu fomos inclusive companheiros de trabalho e tivemos atritos pessoais, mas nunca por motivo de ambição, de inveja ou de [inaudível]. Foram problemas [inaudível]. Tivemos atritos... Só não briga quem não se ama, não é verdade? O namorado briga com a namorada, o marido com a mulher. Eu e o Florestan tivemos também momentos difíceis de conflito, mas não por causa de problemas pessoais nossos, jamais, e nós sempre tivemos muita afetividade, sempre fomos muito amigos, sempre tivemos uma grande confiança mútua. O Florestan e eu, nós, quando precisamos dizer uma coisa íntima ao outro, nós podemos dizer até o fim. Por isso que eu digo, eu não tenho amizade pelo Florestan; eu amo o Florestan e ele me ama, também. Se há coisa que conforta a gente na vida, é ter certeza da afeição do outro. Nós estamos sempre desconfiados: “Será que ele gosta mesmo de mim?”. A moça pergunta: “Será que aquele rapaz gosta mesmo de mim?”. Ou o rapaz: “Será que aquela moça gosta mesmo de mim?”. Ou o amigo com o amigo. É sempre assim. Nós somos tranquilos, porque nós sabemos o quanto nós

nos queremos bem. Podemos passar um ano sem nos ver, como às vezes acontece, mas nós nos queremos profundamente bem. E nós lutamos muito juntos para a definição da organização da sociologia, [inaudível] da sociologia aqui em São Paulo. Florestan e eu fizemos projetos... Muito do que se tornou, sem nenhuma falsa modéstia, muito do que se tornou a sociologia, realmente acadêmica e organizada, em São Paulo, foi devido em parte a esforço meu e do Florestan no fim dos anos 1940 e começo dos anos 1950.

M.P. – Uma outra pergunta, ainda a respeito do seu trabalho, sobre a dicotomia nacionalismo e universalismo...

A.C. – Eu prefiro dizer nacionalismo e cosmopolitismo.

M.P. – E cosmopolitismo.

A.C. – Acho que universalismo não está certo. Eu [inaudível] um pouco.

M.P. – Cosmopolitismo. Há uma crítica um pouco velada do Alfredo Bosi ao senhor, dizendo que o contexto do seu pensamento é o espaço aberto pela oposição. Então, ele menciona: “Nacionalismo/universalismo, oposição vivida dramaticamente pela geração modernista e, em particular, pela crítica literária e musical de Mário de Andrade”. O senhor acreditaria que em algum momento, em algum dia essa oposição deixaria de ter o valor que tem, em termos de um contexto brasileiro?

A.C. – Eu acho difícil. Eu acho difícil. Eu acho que nós somos um país tão ligado a essas duas dimensões! Hoje, por acaso, eu estava vendo o livro do Sérgio Buarque de Holanda e eu caí no começo do *Raízes do Brasil*. Eu responderia à senhora lendo o começo de *Raízes do Brasil*, que, por acaso, hoje eu li aqui.

M.P. – É a introdução que o senhor escreveu?

A.C. – Não, não.

M.P. – É a introdução do Sérgio.

A.C. – Do Sérgio. Ele diz: “A tentativa de implantação da cultura europeia em extenso território, dotado de condições naturais, se não adversas, largamente estranhas à sua tradição milenar, é, nas origens da sociedade brasileira, o fato dominante e mais rico em consequências. Trazendo de países distantes nossas formas de convívio, nossas instituições, nossas ideias, e timbrando em manter tudo isso em ambiente muitas vezes desfavorável e hostil, somos ainda hoje uns desterrados em nossa terra. Podemos construir obras excelentes, enriquecer nossa humanidade de aspectos novos e imprevistos, elevar à perfeição o tipo de civilização que representamos: o certo é que todo o fruto de nosso trabalho ou de nossa preguiça parece participar de um sistema de evolução próprio de outro clima e de outra paisagem”. É muito bonito, não é?

M.P. – É muito bonito.

A.C. – Eu creio que o Sérgio coloca bem isso. O Bosi, aquele prefácio do Bosi ao Carlos Guilherme Mota é um prefácio de crítica muito severa a toda a minha geração. E ele fala de mim, pessoalmente. É crítica a mim, também. Mas ali ele é muito acerbo em relação a toda a nossa geração, essa que a senhora está estudando, em que ele acha que toda a nossa geração, no fim, ficou estudando a realidade e dizendo: “É isso mesmo. E agora? Estudei o caboclo, e agora?”. O Bosi está preocupado com a coisa política da transformação, e nós parecemos a ele aristocratas e acadêmicos. Eu não concordo com aquele prefácio. Ele é brilhante, mas eu não concordo, absolutamente, e acho inclusive que ele fez, em relação à minha obra, um erro de leitura que me surpreendeu. É uma leitura... Provavelmente, ele não... Quer dizer, a gente tem que ser humilde nesse mundo, tem que dizer: “Ou eu não me exprimi bem ou, quem sabe, ele não teve nem tempo de ler a minha obra. Por que ele vai perder tempo com o que eu escrevo?”. Mas ele diz, por exemplo, que o meu antirromantismo é notório. Eu fiquei perplexo. Eu escrevi um livro para mostrar a importância do romantismo, exatamente, ligado com o neoclassicismo, porque eu quis mostrar que o romantismo e o neoclassicismo são dois momentos dialéticos do processo de formação. Então, pelo contrário, eu acho até que o romantismo é a coisa mais especificamente brasileira, como todo mundo acha. Só que eu acho o romantismo perigoso, na medida em que ele se exacerba e leva ao regionalismo e ao particularismo, e acho o neoclassicismo perigoso, na medida em que ele descaracteriza e leva ao universalismo excessivo. Os dois têm seus perigos. É do jogo dessas duas tendências que se faz... Eu acho que eu tenho razão e que o Bosi não tem. Respeito muito o Bosi, que eu acho não só um homem, como lhe disse, de caráter e de moral, um homem perfeito, mas acho o melhor crítico

universitário que o Brasil jamais teve. Eu acho um grande crítico, e mais ainda, mesmo um pensador. O livro de crítica que ele publicou o ano passado é o melhor livro de ensaios críticos que já se fez no Brasil, a meu ver. Talvez... Em outra época, em outro momento, só *Aspectos da literatura brasileira*, de Mário de Andrade. Mas nesse caso, acho que o Bosi não tem razão. Acho que ele estava apaixonado e ele estava talvez um pouco irritado com uma coisa que eu também ficaria irritado, que é o papel excessivo que o Carlos Guilherme Mota me deu na cultura brasileira. **Porque** o Mota exagerou muito a minha figura. A senhora vê, no livro dele, por exemplo, ele não dá a importância devida ao Sérgio Buarque de Holanda, que é um homem realmente que foi um dos homens tutelares do pensamento brasileiro. Eu tenho... Eu sei qual é a contribuição que eu trouxe, mas é secundária. A irritação que deu em mim – ver como ele exagera o meu valor – é insuspeita. Eu podia ficar satisfeito, não é? Eu falei com ele: “Mota, isso é uma loucura! Não faça isso”. Eu quis dissuadi-lo, porque eu li a tese antes de publicar. E o Bosi leu e, naturalmente, ficou irritado, com isso e outras coisas: ficou irritado com a supervalorização do grupo de São Paulo, com... E o Bosi, naturalmente, ele já é de outra geração, é católico muito militante, muito agônico, muito angustiado, então, ele nos vê, provavelmente, como sujeitos meio aristocráticos, meio diletantes, ou então, que fazem cultura puramente acadêmica e não vão transformar a realidade. De modo que ele está um pouco irritado com todos nós, e comigo em particular. Mas eu entendo em parte que é por causa desse exagero que o Carlos Guilherme fez. Eu procurei ver a cultura brasileira, sim, porque, a senhora sabe, eu acho profundamente errado essa tendência que veio do romantismo – não quer dizer que eu seja contra o romantismo –, uma tendência que veio do romantismo e que, historicamente, é justificada: a de querer afirmar com paus e com pedras que o Brasil deve ter uma literatura, ou tem uma literatura que é só dele, diferente das outras. Dito isso na língua portuguesa, que é da Europa, e fazendo verso com a métrica italiana, e inspirados em Byron, que é inglês. Então, eu acho que isso é uma visão parcial da realidade. Por outro lado, dizer, que é o perigo que incorrem os neoclássicos, dizer que somos sectários da Europa e devemos sempre imitar a Europa – e não procurar cultivar a nossa diferença – é um servilismo cultural. Agora, eu acho muito perigosa a atitude nacionalista. Não o que se chama às vezes nacionalismo político – eu não chamaria de nacionalismo –, que é a reivindicação da independência econômica do país, a luta contra o capital estrangeiro. Isso é uma coisa que não é nacionalismo; isso é sobrevivência. Mas eu falo esse apego excessivo aos valores brasileiros. Eu desenvolvi isso desde muito pequeno, porque eu fui criado no interior entre duas famílias sírias, então, os meus amigos de infância, além dos meus primos, foram sempre sírios. Depois eu fui para Poços de Caldas e, entre meus maiores amigos, sempre tive sírios; depois, um outro amigo

meu fraternal era filho de italiano, uma pessoa que hoje é um grande médico aqui em São Paulo. E me irritava profundamente, desde menino, na minha família – não nos meus pais, mas entre parentes –, o jeito [inaudível]: “Ah, é aquele italianinho”, “É um turquinho”, “Como?! Casar com um turco?!”. Isso me irritava profundamente e eu sempre reagi contra essa tendência. Minha tendência foi esta: o Brasil não é uma cultura puramente portuguesa; é uma cultura misturada. Nós somos brasileiros e somos ligados ao mundo. Devemos ser ligados ao resto do mundo. Talvez, a raiz afetiva seja essa. O filho do sr. Mansur é tão brasileiro quanto eu – eu sei, pois ele é meu amigo –; o Jorge Farah, meu amigo de infância, é tão brasileiro quanto eu; o Abílio Titre é tão brasileiro quanto eu. Eu me revoltava contra essa ideia. Daí eu ter sempre acentuado, por causa disso, porque para mim... Eu sempre reagi contra essa ideia do Gilberto Freyre de que o verdadeiro Brasil é o Brasil luso-brasileiro. Por quê? Foi, um certo período. São Paulo é muito mais ítalo-brasileiro que luso-brasileiro, sob vários aspectos. É menos Brasil por acaso? Então, eu sempre refleti muito sobre essa dialética necessária dos dois polos, quer dizer, o polo cosmopolita e o polo local, o polo universal e o polo local. E acho que a cultura brasileira, me parece um lugar-comum óbvio, se faz como uma espécie de tentativa de compor soluções originais, **em face** dos estímulos do **meio**, com base na cultura herdada e o que vai sendo criado naturalmente. Senão nós caímos naquela coisa ridícula, que no meu tempo de infância havia muito ainda, em que... Eu tinha um tio que era da minha idade que dizia: “Os verdadeiros brasileiros são os índios. Olha o retrato do índio”. Tinha anúncio de tônico com um índio assim e tal. Depois eu fui pensar, então, nós não somos os verdadeiros brasileiros, se são os índios. Quer dizer, cai nessas coisas pueris de... Nós falamos uma língua europeia, nós temos uma religião euro-asiática, nós somos um prolongamento da Europa, mas nós somos também o Brasil. Então, essas reflexões é que me fazem responder à senhora que eu acho muito pouco provável que nós possamos, dentro de um futuro próximo, deixar esta reflexão dos dois polos. Só os países realmente consolidados não têm essa angústia. A França [inaudível] de italianos. Eu jamais... A senhora indo à Itália, a senhora perguntará, por exemplo, ao Italo Calvino, um grande escritor italiano: “A sua obra, o senhor acha que é italiana?” Ele dirá: “*Ma come?* Claro que é italiana”. “Não, se ela exprime a Itália”. Não. A obra é literária. Só a sublitteratura é regional, na Europa. O francês não pensa se ele é mais francês ou menos francês. É claro que toda literatura visa os valores universais, e os valores universais, como já dizia o Mário de Andrade, só são obtidos através de uma imersão no particular. Através do particular é que eu encontro o universal. Agora, para nós, o universal passa pela mediação da Europa. A Europa, para nós, já é universal. Eu não ousaria falar a tradição porque acho uma palavra muito perigosa. Tradição, para mim, lembra do tempo de infância, monarquista, integralista,

aristocracia, aquelas senhoras que perguntam: “Sua família, de onde é? Seus avós, de onde vieram?”. Eu tenho horror da expressão antepassados. Eu nunca usei na minha vida. Quando eu vejo a pessoa dizer “os meus antepassados”, eu [inaudível], como é a tradição. Eu acho isso um abismo. Sou contra essas coisas todas. Quando me perguntam, eu falo a minha família; não falo os meus antepassados: “A minha família vem de São Paulo, foi para Minas...”. “E os seus antepassados, de onde vieram?” Eu falo: “Os meus avós... A minha família veio de São Paulo e foi para Minas”. Então, não falemos em tradição. Agora, o que eu acho é o seguinte, é que nós... Isso que o Sérgio Buarque dizia: nós estamos, a cada momento, procurando exprimir aquilo que nós somos através de instrumentos em grande parte herdados. Então, a nossa tarefa é nos exprimir cada vez mais, quanto mais nós pudermos, mas sabendo que o uso dos instrumentos recebidos de fora e transformados de fora é que nos liga ao mundo. Nós não devemos querer nos separar do mundo. Eu acho uma beleza isso. Quando dizem, por exemplo, que há influência de Proust em Pedro Nava, eu acho ótimo, a ligação da nossa cultura. Não vejo mal nenhum nisso. Nós temos uma arte popular muito poderosa. Essa arte popular está se afirmando cada vez mais e tudo isso. Essa arte popular poderá transformar, se ela for muito valorizada, as manifestações cultas. Mas esta arte popular, se for bem analisada, nós veremos que ela veio em parte da África, que ela veio de Portugal. É sempre essa... Não sei por que essa mania romântica, ruim – aí no sentido pejorativo –, de quererem fazer do Brasil uma realidade *sui generis*. Não só é mentira isso, é impossível, como quebra os nossos vínculos com aquilo que nós temos de mais rico, que é a nossa grande tradição do Ocidente, que é brasileira, é diferente. A maneira de viver a herança greco-latina no Brasil é completamente diferente da maneira de viver na França. A maneira de se... As coisas são muito na tradição dos filhos de imigrantes, no Brasil, que conservam a tradição dos pais e que são brasileiros, perfeitamente, sem nenhuma contradição. Então, o sujeito fala: “Ah, mas eu...”. Eu estava discutindo com a minha filha no Rio – minha filha estudou em um colégio italiano – e ela dizia: “É, mas aqueles italianos tinham um grande desprezo por brasileiro”. Perfeito. Nós somos um grupo. Paulista não tem desprezo por mineiro? Mineiro e paulista juntos não têm desprezo por baiano? Gaúcho não acha que o resto do Brasil é uma turma de vagabundos, de palhaços? Os nortistas não acham que o verdadeiro Brasil é lá e que isso aqui é uma cambada de estrangeiros? Isso, infelizmente, é inevitável. Cada grupo se afirma negando algo do grupo que ele admira. O fato de um filho de sírio... Como eu encontrei uma vez um caboclo... Eu estava fazendo pesquisa. “Mas que caboclo perfeito! Agora, então...” Eu tinha, naquele tempo, a mania do específico brasileiro. “Agora eu estou no específico caboclo, olha aí!” Ele dizia para mim, aquele caboclo: “O fulano quebrou porque ficava endossando título aí para todo mundo. Só para mostrar [inaudível], ele endossava

título aí. Acabou quebrando. O homem era vagabundo. O dinheiro era do pai. Ele não trabalhava nada. Lá em casa não. Lá em casa, graças a Deus, nós fomos criados com outro regime, porque papai é italiano, não é? Fomos criados no sistema italiano, o sistema de trabalho; não é sistema de vagabundo de brasileiro”. [Imitando a voz do caboclo.] Olha que coisa maravilhosa! Olha em que mundo eu estou! Esse caboclo profundamente integrado...

M.P. – Esse caboclo perfeito.

A.C. – Esse caboclo perfeito não é caboclo perfeito: não só é filho de italiano como tem desprezo pelo brasileiro. Mas é tão bom brasileiro quanto eu, certamente. Porque o desprezo que ele, como filho de italiano, tem pelo não filho de italiano tem a mesma gravidade – ou a falta de gravidade – que o desprezo que o paulista de São Paulo tem pelo santista: acha que o santista é vagabundo e tal. Não quer dizer que ele vai matar o santista por causa disso nem deixar de cooperar com o santista no bem comum. Essas coisas me impressionam muito. Minha filha saiu com essa o mês passado, no Rio: “É porque você não estudou em colégio italiano. Precisava ver aquelas minhas colegas italianinhas como desprezavam a gente”. Eu falei: “E daí? Despreza elas também, fala ‘não, eu que sou a tal’”. [riso] A senhora sabe que uma coisa que me preocupou sempre e tremendamente, é uma das coisas que mais me preocupa... Professor de sociologia, eu estava dando uma vez uma aula sobre estereótipo, me lembro disso, eu era moço, 30 anos ou 32 anos, estava dando uma aula sobre estereótipo e descrevendo aos alunos como se forma o estereótipo. Eu usava o livro do Klineberg, *Social psychology*. Estava usando aquilo e tal. Enquanto eu dava a aula, e eu combatia então... aproveitava e falava de preconceito, “que coisa horrível” e tal. De repente, quando eu estava dando aula, me veio a seguinte ideia: do ponto de vista não ético nem filosófico, mas, sociologicamente, será possível estabelecer os princípios de coesão de um grupo – e portanto, assegurar a identidade e a existência do grupo – sem negar outro grupo? Então, eu até fiz uma lei: será que a autoafirmação ontológica necessita sempre a heteronegação ontológica? Será que eu só posso dizer que eu sou bonito chamando meu vizinho de feio? Será que eu só posso ter confiança em mim desprezando meu semelhante? Será que eu só posso ser eficiente e viver e ser bom para os meus companheiros sendo mau para os outros? Esse é um problema não resolvido, para mim, até hoje. Isso eu nunca consegui resolver. Isso nasceu de uma aula de sociologia. São noções muito graves. Para mim, isso está no fundo dessa reflexão toda sobre nacionalismo e cosmopolitismo. Nós temos que lutar para encontrar, de um lado, formas de compreensão, e de outro lado, formas de existência em que

nós englobemos os dois polos, a nossa semelhança e a nossa diferença: nós nos apeguemos à nossa semelhança e procuremos conviver com a diferença.

[INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO]

A.C. – Eu vou fazer uma confissão honesta para a senhora, uma confissão cândida, já que eu me chamo Candido: eu não leio sociologia e antropologia, assim, de maneira sistemática, desde 1955 ou 1956. Às vezes eu encontro com meus colegas de faculdade e pergunto: “Quais são os novos antropólogos? Me diga os nomes”. Eles dizem: “Ah, não tem ninguém de muito importante”. Parece que... Não sei se eles estão ficando saudosistas, mas parece que... Assim, grandes figuras como no nosso tempo, eles dizem que não existem mais, nem no nível de Firth, Nadel, Redfield... Então, fico muito satisfeito de a senhora me falar de um novo aí.

[INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO]

A.C. – Isso é um pouco de obsessão que eu tenho. São duas obsessões que eu tenho: é a dialética do local e do universal e a dialética da ordem e da desordem, que eu vejo em tudo. Eu fiz uma conferência anteontem em Belo Horizonte sobre a guerra e a paz no *Caramuru*. Então, ando com essa mania da ordem e da desordem, a criação da ordem, o espectro da desordem, como é que isso leva à injustiça, como é que se exprime em literatura. Eu fiz um ensaio sobre *Memórias de um sargento de milícias* em que eu estudo esse problema da ordem e da desordem, os dois polos, a ordem e a desordem. Agora, falando em curioso, pensando bem, veja a senhora, eu tenho a impressão que a minha desconfiança com as soluções nacionalistas, a minha desconfiança com o localismo vem em parte do fato de eu ser de uma família brasileira dos quatro costados, como se diz, não ter nenhum antepassado estrangeiro recente, para usar a expressão que eu não gosto, mas tem que haver passado. Nenhum. Quer dizer, eu não tenho, aí para trás, eu não sei, porque eu não entendo de família, mas coisas que eu sei de avô, bisavô, tetravô, são todos gente daqui mesmo. Mas o importante, eu só tenho português, índio e preto. É o que deve ter aí por cima, misturado. Isso me daria... “Ah, eu sou brasileiro, **vou lutar** pelo meu país”. No meu tempo ainda havia muito isso. Eu acho uma coisa até simbólica e talvez interessante o fato de o Alfredo Bosi, que é filho de italiano, estar tão preocupado com o particular, com o local, com o popular, e eu, que sou de uma família brasileira muito antiga, embora não importante, mas muito antiga, como eu disse, praticamente antiga no Brasil, preferir mais a semelhança. Ele prefere mais a diferença. Eu acho que isso é muito útil, porque nós

estamos ambos em posições construtivas: ele, dando ao grupo de origem dele, que é o grupo brasileiro recente, elementos para se apegar à diferença do lugar em que eles estão; eu, que já estou aqui há mais tempo, lutando para dar ideia da nossa ligação com os de fora. E assim se faz a dialética da cultura brasileira. Quer dizer no fundo, essa posição, não de oposição – inclusive, eu sou muito amigo do Bosi –, mas a divergência entre o Bosi e mim, eu até acho simbólica, sob esse ponto de vista.

[INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO]

A.C. – Eu não gosto de nome grande. Eu acho uma praga do Brasil, o nome comprido. Eu fui batizado, quer dizer, eu fui registrado com o nome de Antonio Candido, porque não havia sobrenome naquele tempo. A sua geração é que a pessoa já vai com o nome completo. É só Antonio Candido. E o nome da minha família é Mello e Souza. Não é nem Mello nem Souza; é Mello e Souza. Obrigatoriamente, dá um nome grande. Porque o meu avô se chamava Antonio Candido de Mello e Souza. Meu bisavô se chamava João Candido de Mello e Souza. Eu me chamo como o meu avô: o meu avô era Antonio Candido de Mello e Souza. Eu me chamava, quando era pequeno, Antonio Candido de Mello e Souza Neto. Tem mais um. Mas eu sempre tive... Eu não gosto de nome comprido. E eu sempre achei extremamente ridículo uma pessoa assinar um artigo com quatro nomes, ou com cinco nomes. Não ridículo, mas acho destoante eu citar, por exemplo, “como diz o senhor Afonso Arinos de Melo Franco, sobrinho...”, “a bela poesia de Péricles Eugênio da Silva Ramos”, “a bela poesia de George Gordon Byron, sexto lorde Byron”. Eu acho esquisitíssimo esse negócio. Então, quando eu comecei a escrever e fizemos uma revista, que é esta aqui... A revista onde a nossa geração se afirmou é esta aqui, é essa coleção. Nós éramos estudantes da faculdade. Chama-se *Clima*. E eu era da revista. Então, no começo, assinamos...

M.P. – Antonio Candido de Mello e Souza.

A.C. – Todo mundo estava ali. [**Inaudível**]. Não pode ser. Isso é muito feio. O segundo número, de novo... A minha assinatura é essa. O segundo número, Antonio Candido de Mello e Souza. Não pode ser. O terceiro número...

M.P. – Antonio Candido. [risos]

A.C. – Me arrependi muito, viu? Porque houve... Eu nunca pensei que eu fizesse algum nome; sempre achei que eu estava brincando. Nunca tive ambição. Eu sou uma pessoa pouco ambiciosa. E eu, então, nunca pensei que eu fosse fazer nome. Acabei fazendo. Agora, em Portugal, existe um homem muito conhecido na geração anterior que é o António Cândido, português, que hoje está meio esquecido, mas foi famoso, têm as obras completas dele, foi da geração do Eça de Queiroz. Então, tem dado uma confusão tremenda. O meu amigo Benjamin **Ulderich** me escreveu uma vez uma carta divertidíssima dos Estados Unidos, em 1946: “Na Biblioteca do Congresso, tive o prazer de botar o seu livro *Brigada ligeira* para você, porque estava atribuído a António Cândido Ribeiro da Costa”, que é o português que é ilustre. Então, foi uma bobagem que eu fiz. Eu hesitei que nome eu poria, se eu poria Antonio Candido Neto ou Candido de Mello, que é como eu era conhecido na faculdade. Todo mundo me chamava de Candido... Eu devia ter posto Candido de Mello. Candido Mello. Pronto. É simples, curto e não confundia com ninguém: Candido Mello ou Candido de Mello. Mas fiz essa bobagem e hoje sou confundido com esse português e me acontece... Outro dia, há uns anos atrás, uma pessoa, na faculdade, me disse: “Mas, professor, o senhor escreveu isso aqui?!” Eu olhei, era um livro de curso primário. Dizia assim: “Pátria é o berço abençoado onde primeiro vimos a luz do dia; pátria é onde sorvemos o leite bendito da nossa mãe”, um bestialógico desses, de António Cândido. Ele falou: “Mas o senhor escreveu isso, professor?!”. “Você é formado em línguas neolatinas, você devia saber que há um português...” Aí aproveitei para dar na cabeça. Mas foi essa a razão, poder encurtar o nome, e eu sou a favor de nomes curtos e eu assino frequentemente Antonio Candido. Aliás, meu avô também, também...

M.P. – Assinava também.

A.C. – Não é sobrenome, não. Nosso sobrenome é Mello e Souza. Minhas filhas todas têm nome curto. Quando casa, eu não deixo botar o... E nem elas querem botar o meu nome. Porque tem moça que chama... Tem uma colega minha de faculdade que se chama Dulce Helena Álvares Corrêa Pessoa de Almeida Ramos, é professora de história. As minhas filhas põem só o nome do marido delas e abreviam. A primeira chama-se Ana Luísa Escorel; a segunda é Laura Vergueiro... É horrível, o nome comprido. Quando a senhora começar a escrever, a senhora tem que fazer uma opção, porque vai ser um problema. Ainda mais, os estrangeiros ficam danados da vida. “Como diz Mariza Gomes e Souza Peirano... Aliás, Mariza Gomes...”. Na quarta vez, ele já não aguenta mais. Então, eu aconselho à senhora... É um conselho de amigo: arranje um nome literário. Arranje um nome literário Aqui na faculdade – é horrível isso – tem a nossa

colega Maria Sylvia de Carvalho Franco Moreira, que tem um livro notável, tem um nome imenso. A Marilena de Souza Chaui Berlim, que é uma eminente filósofa, agora está assinando só Marilena Chaui. Não pode! Não pode! A senhora faz aí... Mariza Peirano. [riso] É o único conselho bom que eu posso lhe dar, que eu fiquei só Antonio Candido.

[INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO]

A.C. – Eu acho um livro de uma facilidade e uma simplicidade... Eu acho até que... Talvez não tenha aquele mínimo de complicação que dá dignidade às obras universitárias. Eu acho que a gente ser claro demais é contraproducente. O Fernando Henrique Cardoso fez uma piada boa sobre *Os parceiros do Rio Bonito*, não sei se a senhora viu. No prefácio do livro dele, ele diz que a geração dele se formou à sombra do rigoroso – enfim, mais ou menos assim –, do rigoroso método científico e a disciplina... tendo como base o rigoroso método científico e a disciplina mental de Florestan Fernandes, e como ideal, o discreto charme britânico do ensaísmo de *Os parceiros do Rio Bonito*. [riso] “Você está me gozando, hem, Fernando Henrique!” Ele disse: “Não, isso é elogio”. Mas o livro [**inaudível**]. Eu acho que o livro é exatamente o que o subtítulo dele diz: *Estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. Se eu estou interessado na sociedade tradicional, ele mostra a decadência da sociedade tradicional. Então, a Maria Isaura tem razão sobre esse aspecto. Violência só existe implicitamente, na medida em que eu mostro a fome e a miséria ali, sem dúvida nenhuma. Porque eu creio que foi um dos primeiros estudos feitos aqui em São Paulo – não fora, mas aqui em São Paulo – em que um sociólogo ou um antropólogo pegou o problema da fome para estudar. Porque antes ele era feito sobretudo por pensadores e médicos. Agora, o problema da fome, assim, no cotidiano, eu fui um dos primeiros. E nós tínhamos um pouco a preocupação de deslocar a sociologia do caráter um pouco senhorial que ela tinha no Brasil. Porque o Gilberto Freyre e o Oliveira Vianna estudavam as classes dominantes. E isso que o Bosi hoje acha tão água com açúcar, para nós foi importante, porque a sociologia, no Brasil, era só o senhor, era o Gilberto Freyre e o Oliveira Vianna. Eu mesmo, quando li *Casa-grande & senzala*, fiquei fascinado – eu tinha uns 15 ou 16 anos – e, com o esnobismo da adolescência, eu, imediatamente, logo planejei um trabalho que eu ia fazer: sobre o fazendeiro do sul de Minas, que é exatamente a minha família. O que o Gilberto Freyre fez com os senhores de engenho do Nordeste, eu queria fazer com os fazendeiros do sul de Minas. Não me lembro que nome eu queria pôr, mas a ideia era essa, estudar então aqueles grandes fazendeiros, e as fazendas, e os escravos. Depois eu transformei completamente e fiz o contrário: eu estudei o oprimido, o

apaniguado, eu estudei o sujeito que passa fome. De modo que, para nós, eu creio que... E aí eu acho que o Bosi é profundamente injusto – não é em relação a mim, porque ele fala da geração toda. Eu acho que estudos como o que eu fiz, que o Florestan fez, que o Octavio Ianni fez, que o Fernando Henrique fez, foi a chamada de atenção da sociologia brasileira para o índio, para o negro, para o pobre, para o caboclo, para tudo isso. O Emilio Willems ajudou nisso, mas o Willems fazia com muita frieza e o Willems não fazia julgamento de valor e não se preocupava. O livro dele sobre Cunha é nesse sentido; *Cruz das Almas*, do Donald Pierson, também. Eu entrei pelo qualitativo, quer dizer, o problema. Eu avalei aquela situação de fome e de miséria, porque eu sou um socialista, quer dizer, eu me preocupei com aquela... a preocupação de iniquidade social. Mas eu acho que ele é bem caracterizado pelo subtítulo, as transformações e, sob esse ponto de vista, a decadência da sociedade tradicional paulista caipira.

[INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO]

A.C. – Mas aí é diferente, porque a senhora está falando do Florestan e os discípulos dele. Enquanto que aí sou eu e meus amigos, porque o Paulo Emilio é companheiro de idade. O meu grupo, mesmo, intelectual é: Paulo Emílio Salles Gomes; Décio de Almeida Prado; Ruy Coelho; Lourival Gomes Machado; a minha mulher, a Gilda; e eu. Esse é o meu grupo. E nós produzimos trabalhos, nesse sentido, diferentes: partimos da sociologia e da filosofia para o estudo...

[INTERRUPÇÃO EXTERNA]

A.C. – A minha mulher fez um estudo sobre a moda no século XIX que é muito interessante. Talvez seja publicado agora. Ela tem muitos ensaios sobre Mário de Andrade e tudo isso. O Ruy Coelho estudou personalidade e agora faz **quase só** literatura e sociedade; o Décio fez crítica teatral; o Paulo Emílio Salles Gomes fez crítica de cinema. Nós fomos... É completamente diferente. Por isso que eu digo: nós somos pessoas de formação filosófica e sociológica que se aplicaram em outra coisa. O Florestan não. O Florestan é o primeiro grande profissional da sociologia especializado e formando especialistas. As pessoas que eu formei, que sofreram a minha influência, a senhora não conhece, porque são pessoas que trabalham com literatura: Roberto Schwarz; Walnice Nogueira Galvão; Davi Arrigucci Jr.; João Lafetá; José Miguel Wisnik. É uma nova geração que está publicando livros excelentes. Literatura. O Roberto Schwarz levou muito avante essa minha ideia... essa minha preocupação de literatura e

sociedade. Ele levou a uma... Fez um estudo muito melhor do que eu, com muito mais sutileza. A tese dele defendida em Paris sobre os romances de mocidade do Machado de Assis, a senhora lê isso e vê como é uma figura extraordinária. Chama-se *Ao vencedor as batatas*. E a Walnice e os estudos dela, os estudos sobre Guimarães Rosa, o que ela tem publicado sobre cultura de massa. Esses são os meus Fernando Henrique e os meus Octavio Ianni. Dos sociólogos que foram meus alunos, eu acho que eu tive alguma... Porque eu não conheço essas obras sociológicas e eu sou muito contestado na Faculdade de Filosofia por todo o grupo do Departamento de Ciências Sociais que se formou à sombra do Florestan. E eles me contestam violentamente. Não a minha pessoa – pelo contrário, eles se dão muito bem comigo e muitos são meus amigos –, mas eles contestam esse meu método de trabalho, porque eles estudam o capitalismo no campo, eles estudam a proletarização em termos já sociológicos. Então, para eles, eu sou, provavelmente, um ensaísta antropológico de tipo bucólico. Mas eu acho que eu tive alguma influência na Maria Isaura Pereira de Queiroz. Em toda a linha de trabalhos dela, ela mesma diz, ela aproveitou muito da inspiração – e ela foi minha aluna – dos meus trabalhos. E ela desenvolveu isso e inclusive corrigiu muita coisa do meu livro, mostrou que eu exagerei o aspecto do isolamento. Ela, a Lia de Freitas Garcia Fukui e vários outros. E outra pessoa que talvez tenha tido uma pequena influência lateral minha, não sei, é a Maria Sylvia de Carvalho Franco, que foi a primeira que estudou a violência, realmente, no meio rural. Ela é discípula do Florestan, mas ela tinha, digamos, mais afinidades de abordagem comigo. Eu acho que essas duas... A Maria Isaura e a equipe dela e a Maria Sylvia são mais próximas, por motivo de trabalho. Agora, eu saí moço da... Eu abandonei o Departamento de Sociologia com 38 anos, e não tinha formado ninguém. Eu vim formar gente aqui, em literatura, esses que eu falei com a senhora há pouco. Eu confesso que eu não tomo isso como crítica. Quando fazem como crítica, eu fico muito satisfeito, porque eu digo: “É exatamente o que eu quero”. “Ah, professor eu acho que o seu livro, o senhor me desculpe, eu vou ser franco com o senhor, eu acho que *Os parceiros do Rio Bonito* é um livro muito baseado na intuição, é muito literário”. Eu digo: “Que ótimo! Que maravilha! Você sentiu isso?”. “Senti.” “Ah, então, estou realizado!” [riso] É o que eu queria: transmitir uma visão justa da realidade, mas sem tirar a minha sensibilidade disso, quer dizer, a minha experiência envolvida naquilo. Mas que era um pouco perigosa ainda, porque isso aí continuava a tradição brasileira daquela literatura onívora de que eu falava, enquanto que a linha do Florestan é a linha criadora de uma atitude nova: é a luta contra o ensaísmo, é a luta contra o diletantismo e é a luta pelo rigor científico. Então, quem tem razão historicamente é o Florestan; não eu. Eu apenas continuo... Quer dizer, o meu mérito é preservar e não deixar perder uma certa tradição brasileira do ensaio humanístico e sensível, de tipo

literário. Nesse ponto, eu me considero muito próximo do Sérgio Buarque de Holanda, que é um dos meus mestres, uma das influências que eu reconheço, o Sérgio Buarque de Holanda. O Weber, eu achei muito chato, naquela tradução espanhola. O Florestan dominou o Weber perfeitamente, deu cursos memoráveis sobre Weber. Eu apanhei. Foi uma derrota completa: comecei o curso e parei, e fechei. Eu falei: “Vou parar com isso; não entendo **mais**.” O Weber de *Economia e sociedade*. Depois eu li várias outras coisas do Weber que eu gostei mais, inclusive li certos trechos de *Economia e sociedade* admiráveis. Mas eu quis, estupidamente, fazer uma leitura... um comentário. Então, aquelas noções iniciais, aquela amolação toda... Não tenho muitas leituras do Weber.

[INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO]

A.C. – Eu estou pensando, por exemplo, que... Por exemplo, como o Sílvio Romero, que tinha uma grande preocupação com os aspectos sociais. Mas ele dissociava completamente. Sílvio Romero via o texto literário como documento da realidade, que é o contrário disso que eu preconizo. Eu quero que o texto literário seja visto como uma realidade autônoma. Ele é o texto. Agora, como é que essa realidade autônoma se formou? Com, vamos dizer, o encontro de uma experiência humana – de uma inspiração, se a senhora quiser – com um código. Então, eu não posso dizer que o aspecto condicionante é mais importante nem que a forma resultante é mais importante. Isso é uma coisa só. E essa coisa, eu acho muito difícil de se fazer. E depois que eu comecei a pensar nisso, eu encontrei muitas reflexões importantes nesse sentido em Lukács, o marxista. Agora, os linguistas, eu não conheço. É uma coisa que... Eu sou totalmente obtuso para linguística. Eu sou incapaz de ler um livro de linguística de cabo a rabo. Eu me informo sempre que é preciso, um pedaço aqui, outro pedaço ali, mas o meu desinteresse pela ciência linguística é uma coisa impressionante. Eu não consigo dominar aquelas coisas da linguística. Eu não saberia responder a sua pergunta. Mas não creio que seja... Eu não conheço nenhum autor, no Brasil nem em Portugal, que tenha manifestado, no começo do século, um interesse como esse interesse moderno que nós manifestamos pela reação reversível...

M.P. – Pela ligação.

A.C. – Não ligação; pela reação reversível entre o texto e o contexto em matéria linguística. Porque ligação, é óbvio que há. Isso, quando um folclorista português como o Jorge Dias estuda os falares de Rio de Onor, por exemplo, ou de Vilarinho de Furnas, ao norte de Portugal, ele

está mostrando a cultura funcionando no contexto etc. Mas não é isto que eu estou pensando, não estou pensando nas expressões usadas; o que eu estou pensando e o que eu penso sempre é como é que essa realidade autônoma – que é o texto literário, ou a obra de arte –, como é que o texto literário, enquanto realidade autônoma que tem que ser estudada como um todo autônomo, como é que ela se constituiu a partir de sugestões da personalidade e do mundo e como é que elas deixaram de ser realidade do mundo para ser dimensão estética. Hoje não se fala mais em estética; está fora de moda. Eu continuo usando. Como é que elas se transformaram em dimensão estética. Eu vou dar para a senhora... Eu não tenho, infelizmente, mais separatas aqui. Eu tenho feito vários trabalhos nesse sentido, mas estão ainda em separatas e em revistas. Mas saiu recentemente na Venezuela a edição de *Memórias de um sargento de milícias* com a minha introdução traduzida para o espanhol. Não está muito bem traduzido, mas dá uma ideia lá para a senhora ver esse meu método, como é que eu digo essa espécie de reciprocidade de perspectivas, ou de reversibilidade, em que, para mim, não se pode falar em crítica sociológica. Eu me recuso a dizer que eu sou um crítico sociológico. Eu sou um crítico literário. Quando eu faço estudos de relação, principalmente em sociologia, entre literatura e sociedade, eu sou ou um crítico literário ou um sociólogo que está fazendo um determinado estudo, mas eu estou visando essa reciprocidade de perspectivas apenas. O crítico sociológico é aquele que procura mostrar como aquela obra, socialmente, é condicionada, ou o que há de sociedade naquela obra. Eu não faço isso. Os marxistas fazem frequentemente; eu não faço isso. Eu tenho muita influência marxista, mas eu não sou marxista. Eu sou, talvez, 60% marxista. Talvez nem isso: 50%. Então, eu tenho muita influência marxista. Mas os críticos marxistas, sob esse ponto de vista, não se distinguem muito dos críticos positivistas. Eles fazem a mesma história que o Sílvio Romero faz: “A sociedade do Brasil era assim. Olha como está no livro. Está vendo? Olha aqui. Está vendo isso aqui?”. Serve de ilustração para aquilo, como se o livro fosse uma realidade não estética, mas um documento. Eu tenho a impressão, eu disse isso em *Literatura e sociedade*, que esse fim de século ia dar uma virada. Já está começando. Eu escrevi aquele ensaio em 1961, em que eu falei, e falar em sociologia naquele tempo era se expor a ser apedrejado. A literatura era só forma, estilística, *new criticism* e, depois, o estruturalismo. Eu dizia: “Eu acho que a tarefa maior do fim do século vai ser mostrar não o estudo puramente formal, de um lado, nem o estudo puramente contextual, do outro, vai ser mostrar como é que as coisas [inaudível]”. E está começando. Aí, eu fui profeta. Eu falo profeta brincando, é claro. Acho que é visível que todas as vezes que nós passamos por momentos antitéticos, a síntese se impõe. Porque o fim do século, para nós, será, em todos os sentidos, uma época sintética, inclusive politicamente. A senhora vai ver que muita coisa de esquerda vai procurar coisa de

direita e muita coisa de direita vai procurar coisa de esquerda, vai procurar as soluções sintéticas, e isso vai acontecer em economia, vai acontecer em linguística, em antropologia, em crítica literária. Porque, é claro, nós tivemos um momento inicial que era só, vamos dizer, um momento de conteúdos, depois tivemos um momento só de formas, e hoje começa a procurar... É o que vai acontecer em todos os setores no fim do século. Eu falo profeta de brincadeira, porque é a coisa mais fácil, a profecia desse tipo. Mas isso eu acho muito importante. E para isso o Roger Bastide nos preparou, esse pluralismo do Roger Bastide. O Roger Bastide mostrava isso, que você precisava bombardear a realidade de vários lados, cada um de acordo com o seu gosto, com a sua intuição, com a sua vocação e com o campo escolhido. E ele tinha coisas formidáveis. Naquele tempo, era a era heroica da sociologia. Então, a gente falava: “Isso não é bem sociológico. Isso não é antropológico. Não, isso é antropológico; não é sociológico”. Isso já passou, esse momento. Naquele tempo era assim. O Paulo Emílio, por exemplo, me dizia: “Isso é cinema; isso não é cinema, isso aqui é teatro. Esse filme é bom, mas é só teatro; não é cinema, isso é literatura”. Hoje já está superado. Então, eu cheguei para o Roger Bastide, quando estava fazendo *Os parceiros do Rio Bonito*... O professor Bastide dizia: “Como vai a tese? Como vai a tese?”. Eu era meio lento, fiquei a vida inteira fazendo essa tese – eu fiquei oito anos. E parava e fazia... Eu estava fazendo duas coisas ao mesmo tempo. E ele dizia: “Vai ou não vai? Vai ou não vai? Vou ficar te amolando até sair”. E eu dava notícia a ele. Um dia, eu disse a ele: “Professor Roger Bastide, eu estou com medo que a minha tese não seja sociológica”. Porque eu senti que ela estava saindo da sociologia. Mas nem pensava em antropologia; eu pensava mais... quase que uma reportagem. Eu estava pensando talvez uma reportagem literária pessoal. Eu falei: “E se a tese não for sociológica?”. Ele me olhou espantado e disse com muita convicção: “O importante não é que seja ou não sociológico... O importante no trabalho não é que seja ou não seja sociológico; o importante é se é bom ou ruim”, ele disse. Quer dizer, um professor assim toca bem para diante, não é?

M.P. – Formativo.

A.C. – O Lévi-Strauss ficou pouco tempo aqui e foi embora. Para mim e para a minha geração, a figura formativa central foi o Roger Bastide e o Jean Maugüé, esse professor de filosofia que hoje é um obscuro professor de liceu aposentado em Paris. Ele não quis fazer carreira. Está certo, porque ele desprezava a vida universitária. Tinha o maior desprezo pelas honras, por aparecer. Então, ele queria saber, saber e observar. É um sujeito formidável, porque é um sujeito não dá a menor bola para convenção. E esse homem teve uma influência poderosa sobre nós,

sobretudo sobre esse grupo de *Clima*, porque ele nos levou a conceber a filosofia, a sociologia e a história como instrumentos para ver a realidade e aumentar a humanidade da gente, viver melhor, viver mais claramente. E o Roger Bastide porque foi um homem que abriu um leque de preocupações extraordinário. A obra dele é muito eclética: tem livros de literatura... A coisa central é a coisa africana. Ele foi sempre um especialista em fenômenos religiosos. Agora, o Florestan, por exemplo, ele sofreu... O pessoal que fazia a Escola de Sociologia e Política sofria uma influência imensa do Baldus e do Pierson, também, em parte, que era um sociólogo mais de grande envergadura, mas um homem muito honesto, e alguns sofreram também influência do Radcliffe-Brown, que esteve aqui uns dois anos. Nós tivemos grandes professores, a nossa geração. A minha geração na faculdade seria justamente, vamos dizer, os homens nascidos entre, digamos, entre 1915 e 1920 que fizeram filosofia e ciências sociais: Mário Wagner Vieira da Cunha; Gioconda Mussolini; Lucila Hermann; Egon Schaden; Lourival Gomes Machado – por ordem de idade mais ou menos –; Décio de Almeida Prado; Paulo Emílio Salles Gomes; eu; e os mais moços, Florestan Fernandes; Ruy Coelho; Gilda de Moraes Rocha, minha mulher. Isso eu considero a minha geração na faculdade. Em história, o Eduardo de Oliveira França. O Darcy Ribeiro é totalmente da Escola de Sociologia. O contato só havia pelos que faziam as duas, que ou ensinavam lá e aqui ou estudavam lá e aqui...

M.P. – Como o Emilio Willems.

A.C. – ...Emilio Willems; Mário Wagner Vieira da Cunha; Lucila Hermann; Gioconda Mussolini; Florestan Fernandes. Nós só começamos a nos entrosar por um grande esforço que eu ajudei a fazer e fui muito nisso, em 1954. Antes disso. Em 1952, nós fundamos a Sociedade Brasileira de Sociologia e nós então chamamos o pessoal da Escola de Sociologia, e aí fez a ligação. Aí ficamos muito íntimos. Inclusive professores da Escola de Sociologia que passaram para a faculdade, que é o caso do Oracy Nogueira. Aí ficamos... A Sociedade era misturado, os dois. Fizemos um congresso juntos. O Darcy me pôs no conselho geral grande que ele tinha. A Universidade de Brasília, o Darcy convidou as pessoas que estavam, vamos dizer, com uma atividade inovadora e mais dinâmica. Eu, nesse tempo, eu era professor de... Eu tinha largado a sociologia e estava em literatura brasileira, portanto, eu não tinha realizado nada de importante em sociologia e não se sabia o que eu ia fazer em literatura. Meus livros não tinham saído e eu estava lá. Quem ele chamou veementemente foi o Florestan e a equipe dele, e ele ficou muito sentido com o Florestan quando o Florestan não foi. Achou que foi uma traição. Porque a obrigação do intelectual avançado e progressista naquele tempo era ir para o lugar avançado,

que era Brasília. Foi de fato admirável. Foi uma catástrofe, a destruição de Brasília em 1964. Seria, sem dúvida nenhuma, uma grande universidade brasileira, sem dúvida nenhuma. Seria *a* grande universidade brasileira. Não, mas eu nunca fui convidado nem pensei em ir. Eu sempre tive uma posição mais discreta e mais lateral, nunca fui homem de ação, e o Darcy, com toda a razão... Ele é muito meu amigo. Com toda a razão, nem pensou nisso. Nem eu pensei. É a primeira vez que eu estou pensando nesse assunto que a senhora está me colocando. Ele chamou os chefes de escola, os homens ativos, os talentos que estavam se revelando. E em literatura, ele confiou tudo praticamente ao Cyro dos Anjos, que organizou tudo lá. Não, não fui para lá. Mas eu era do Conselho e mandava as publicações. Eu gosto muito do Darcy e sou muito amigo dele. A obra do Darcy em Brasília é uma coisa monumental. É um pensador, um etnólogo, um homem de sensibilidade, é um educador, um organizador. Fico muito satisfeito de as coisas que eu faço terem interessado à senhora.

[FINAL DO DEPOIMENTO]